

Cardoso

GLOBO

# Fernando Henrique conversa com o presidente

CHICO ALENCAR

27 JUN 1998

Os 30 anos da Passeata dos Cem Mil deixam nostálgicos os remanescentes da épica marcha de resistência à ditadura. Nós, madurões, sentimos saudades daqueles tempos de mais ousadia, coerência e autenticidade. Procurava alguns registros da já histórica manifestação estudantil e encontrei foi coisa mais recente, de 1975: o livro "Autoritarismo e democratização", do sociólogo e cientista político Fernando Henrique Cardoso, USP, aposentado compulsoriamente em 1969, aos 38 anos.

Cheio das memórias da bela vaga juvenil dos "anos rebeldes" — e para variar um pouco em relação ao monotemático futebol da Copa da França — folhiei a obra da Editora Paz e Terra. O capítulo VII, intitulado "A questão da democracia", está repleto de anotações do então acadêmico de história, que queria ser ousado, coerente, autêntico e... bem informado. Ler Fernando Henrique ajudava.

Relê-lo, agora, me fez fantasiar um diálogo entre um imaginário presidente da República Federativa do Brasil de hoje — com misturado sotaque paulista-baiano e ar de coronel esclarecido — e o "príncipe dos sociólogos", autor do livro.

Em tom professoral e um tanto autoritário, o presidente começa a conversa reclamando, pois tinha acabado de receber as projeções de uma pesquisa qualitativa ainda em elaboração:

— O Brasil precisa de ordem para crescer. Eu sou o progresso, o desenvolvimento. Há outros por aí que querem o atraso, que pregam a baderna! É preciso impedir a sua volta, pois eles destruirão a Nação. O Brasil não pode dar marcha a ré!

Abrindo a página 229 de seu livro, o sociólogo re-  
trua, com fineza e ousadia.

— O que é isso, presidente? A guerra interna é um pretexto para manter arranjos políticos autoritários

e para dar lugar nas mesas de discussão a cavalheiros de má catadura, cuja prática repressiva alimenta o único trunfo que jogam....

O presidente, com o semblante ambíguo de política dos grotões e intelectual orgânico à la Gramsci, reclama do povo:

— Os brasileiros, pelo que vejo nas pesquisas, estão se deixando iludir. Não há crise, apenas dificuldades. Trabalhamos com dedicação e competência, mas existem uns vagabundos aí que continuam insatisfeitos. Os professores e outras categorias insistem em greves por melhores salários, com evidentes motivações políticas.

Sereno e coerente, o sociólogo mostra ao presidente um trecho sublinhado na página 234 do seu livro:

— A crítica brota por toda parte, não porque existam grupos disseminando a insídia da subversão nas universidades e nos locais de trabalho, mas porque as contradições entre os ideais apregoados e a prática terminam sendo difundidas pela própria vida, presidente.

Este, nervoso, gesticula muito:

— Subversão! Táí uma palavrinha na qual passei a ver sentido depois que fui eleito, aliás com recursos de campanha oito vezes maiores do que os do meu principal adversário, o que revela que tenho mais prestígio e capacidade. Você vai querer me convencer de que o que o MST faz, ocupando terras, pressionando liberação de recursos dentro de prédios públicos dizendo que quem está com fome deve saquear, não é subversão?

O cientista político, com autenticidade, conclama seu interlocutor à reflexão:

— Calma, presidente. O senhor sabe que a base

agrária da sociedade sempre ficou à margem dos grupos mais atuantes. Mas, como digo no texto que V. Ex<sup>a</sup> conhece tão bem, se do ângulo político os trabalhadores rurais sempre estiveram marginalizados, nunca deixaram, do ângulo social, agora como antes, de serem superexplorados. E de rebentar seu protesto em lutas mais ou menos intermitentes por melhores condições de vida e de trabalho. Está aqui na página 235.

O presidente, desviando o olhar do livro, reage:

— Sim, compreendo... Afinal, não sou neoliberal, como vivem dizendo os neobobos da oposição. Sou um social-democrata, como atestam meus apoiadores do PFL e do PPB. Mas tudo tem de ser feito exclusivamente através das leis e dos canais competentes. Somos uma democracia, temos participa-

ção.  
— O sr. sabe, presidente, que a vida política gerada pela ordem burocrático-autoritária está esclerosada em "canais competentes" cada vez mais entupidos... — rebateu o sociólogo, assinalando a página 231 de seu livro. Tanto é assim que o seu recém-empossado ministro da Saúde está descobrindo desmando, desleixo e corrupção na área. Pena que só agora, ao final do governo. Os antecessores foram coniventes?

O presidente, impaciente, dá sinais de querer acabar com a conversa:

— Estamos fazendo o possível e só não vê quem não quer. Mais do que desconhecimento, quem critica o meu governo revela má-fé. A oposição não tem projeto, não pensa no Brasil. O quadro é sombrio mas o barco não está à deriva. Há seca no Nordeste? Mas esse é um problema secular da natureza... O desemprego é um fenômeno localizado, e no Rio de Janeiro, por exemplo, está perto de zero. Mas há um

---

... mas existem uns vagabundos aí que continuam insatisfeitos

---

pessoal aí que só quer criticar. E isso eu não aceito!

O sociólogo Fernando Henrique Cardoso, constrangido, vai à página 237 do seu livro:

— A convivência de forças sociais e políticas não só distintas mas opostas é o reconhecimento, por ambos os lados, da necessidade de legitimação do conflito. A discrepância e a oposição têm o direito de se expressarem aberta e organizadamente. Democratização não significa a eliminação dos conflitos pela via da adesão simbólica a valores pseudo-consensuais que estabelecem uma ordem supostamente homogênea...

O presidente vai se levantando:

— Conheço muito seu trabalho, mas não me recordo de vários aspectos... Daqui a cem dias o povo vai decidir se prefere a ordem ou o caos. Ainda bem que reduzimos a 45 dias a propaganda de rádio e TV e impedimos o uso de imagens externas: para que o eleitor decida fria e tecnicamente e não haja turbulências no processo.

O sociólogo Fernando Henrique Cardoso cumprimenta o presidente fictício:

— Eleição é discernimento e permite alternância no poder. E ajuda a superar o que classifiquei no meu livro, ainda na página 234, como processo de despolitização e de limitação das oportunidades de participação política e cultural para a maioria da população.

As vinhetas da Copa me tiraram destas pequenas visões e dos pensamentos imperfeitos. A seleção do Brasil entrava em campo. Tanto Lula quanto FH, representantes reais de projetos concretos e antagônicos, faziam previsões otimistas quanto à superação de obstáculos e nossa chegada às finais, lá na França.

CHICO ALENCAR é professor de história da UFRJ e dirigente do IUPERJ.